

Edital Mulheres em Movimento 2021 do Fundo Elas - Inscrições até 30/09

Com objetivo de fortalecer grupos liderados por mulheres e/ou por pessoas trans de todo o Brasil, o Fundo Elas + lança o edital Mulheres em Movimento 2021, que vai destinar apoio financeiro flexível e estímulo à ação coletiva para grupos e organizações de mulheres e pessoas LBT. As inscrições online podem ser feitas [aqui](#) até dia 30 de setembro. Serão contemplados 80 grupos/organizações, que receberão apoio entre R\$40mil e R\$50 mil cada, somando R\$3.750.000,00.

A iniciativa é resultado de uma aliança em defesa dos direitos humanos, da democracia e da justiça ambiental, formada pelo Instituto Clima e Sociedade, Fondation Chanel, MADRE, Itaú Unibanco, Channel Foundation, Instituto Galo da Manhã, Global Fund For Women, doadores anônimos e individuais.

Requisitos para a inscrição:

Podem concorrer grupos formais e informais, redes ou organizações lideradas por mulheres, que se dediquem democraticamente à promoção e defesa dos direitos humanos, da democracia e do meio ambiente. É necessário ter pelo menos um ano de atuação.

Haverá apoio prioritário aos seguintes coletivos:

- a. grupos/organizações lideradas por pessoas LBT (lésbicas, bissexuais e pessoas trans e travestis) e/ou
- b. grupos/organizações lideradas por mulheres indígenas e/ou
- c. grupos/organizações lideradas por mulheres negras e/ou
- d. grupos/organizações lideradas por mulheres com deficiência e/ou
- e. grupos/organizações feministas.

[Acesse o edital completo.](#)

Resposta à crise: 12 projetos que auxiliam a reinserção profissional de mulheres negras e indígenas

(O Globo | 08/04/2021 | Pâmela Dias)

RIO — Se antes da pandemia o cenário no mercado de trabalho para mulheres já era desfavorável, com a crise desencadeada pela Covid-19 o desemprego entre elas se agravou e trouxe ainda mais desigualdades. De acordo com dados do IBGE, mais da metade dos 13,9 milhões de brasileiros sem trabalho eram do sexo feminino e seis em cada dez (60%) se autodeclaravam pretos ou pardos. Para driblar as estatísticas e dar oportunidades, especialmente para mulheres negras e indígenas em situação de vulnerabilidade social, projetos voltados para a capacitação profissional e o empreendedorismo têm auxiliado essa parcela da população na luta por espaços de relevância no ambiente corporativo.

Ainda segundo a pesquisa divulgada em março deste ano, a população ocupada em todo país foi reduzida em cerca de 7,3 milhões de pessoas na comparação com 2019. A crise econômica afetou, inclusive, o trabalho informal no país, considerado a porta de mais fácil acesso à ocupação. E foi a queda do número de trabalhadores informais a principal responsável pelos recordes da taxa de desemprego e baixo nível de ocupação.

Para a empreendedora social Adriana Barbosa, investir em programas

educacionais para mulheres negras, indígenas e de baixa renda é uma das formas de dar visibilidade aos projetos que elas vinham desenvolvendo ou procuravam desenvolver, mas não tinham apoio para entender como e quando começar a colocar a ideia em prática.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

INW abre edital direcionado a mulheres empreendedoras

O Instituto Nelson Wilians (INW) lançou seu 1º edital para financiamento de negócios de impacto social 100% fundados e geridos por mulheres.

Serão selecionados dois negócios com fins lucrativos no país, com resultados financeiros comprovados, que receberão aporte inicial de 20 mil reais cada uma. O Instituto busca modelos que visam resultados de transformação social comprovados, além de resultados financeiros. Ao final de um ano, após avaliação, os negócios poderão receber uma doação adicional de 10 mil.

“Queremos potencializar os resultados das mulheres que empreendem com suas próprias empresas, reforçando o compromisso do INW com a redução das desigualdades, sobretudo em relação às mulheres”, explica a advogada Anne Wilians, fundadora e presidente do INW. “Ao investir em negócios de impacto social, fundados e geridos integralmente por mulheres, o instituto contribui para o empoderamento dessas empreendedoras e o fortalecimento econômico de seus negócios, gerando um impacto positivo em cadeia”.

Para a seleção dos negócios, serão considerados seis aspectos imprescindíveis: propósito bem definido, a estrutura legal do negócio; o perfil das empreendedoras; o estágio atual da instituição; o planejamento estratégico e o faturamento. Os detalhes de cada um desses critérios estão

descritos no Edital.

“O Instituto sabe da importância de reconhecer e acreditar em empresas que promovam impacto social positivo na sociedade, buscando mitigar as desigualdades de gênero. Por isso, este Edital volta-se totalmente para mulheres de negócios sociais formalizados que estejam iniciando seus negócios”, acrescenta Anne Wilians.

As inscrições podem ser feitas até 12 de fevereiro de 2021.

O acesso completo ao Edital e Modelo de Proposta de Planejamento pode ser acessado abaixo:

[Edital 2021 - INW - Negócios de impacto social](#)
[Modelo de proposta de planejamento de investimento](#)
[Acesse a matéria no site de origem.](#)

Dia do empreendedorismo feminino: na crise, é preciso celebrar as mulheres

Mesmo sendo o grupo mais afetado pela pandemia, as empreendedoras brasileiras driblaram a crise com inovação para salvar seus negócios

[\(Exame | 19/11/2020 | Por Carolina Ingizza\)](#)

O mundo comemora nesta quinta-feira, 19, o **Dia Global do Empreendedorismo Feminino**. A data, criada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2014, celebra a [mulher empreendedora](#) e o seu impacto na economia. Em um ano como 2020, em que a [crise](#) afetou particularmente seus negócios, as empreendedoras precisam mais do que nunca serem celebradas.

Com o isolamento social, as mulheres receberam uma carga de trabalho extra. Dentro de casa, muitas precisaram equilibrar a educação dos filhos, a alimentação da família, a limpeza doméstica e o seu próprio trabalho remunerado ou negócio. Pesquisa feita pela Rede Mulher Empreendedora (RME) mostra que 20% das entrevistadas disseram que a dificuldade de gerir o tempo gasto com o trabalho e com a família se agravou na pandemia, contra 11% dos homens.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)

***Leia também:** [A mulher se capacita mais, mas se sente menos confiante', diz fundadora de rede de empreendedorismo feminino \(Folha de S.Paulo, 19/11/2020\)](#)*

‘Mulheres enfrentam efeito ainda mais devastador da crise’

Segundo Ana Fontes, da Rede Mulher Empreendedora, menor acesso ao crédito e à tecnologia dificulta sobrevivência de negócios femininos; pesquisa aponta que 39% encerraram atividades na pandemia

[**\(Estadão | 25/07/2020 | Por Marina Dayrell\)**](#)

Há dez anos à frente da Rede Mulher Empreendedora (RME), instituição de apoio ao empreendedorismo feminino, Ana Fontes conhece de perto as dificuldades que as mulheres encontram para abrir e manter um negócio no Brasil. Mas, nos últimos meses, os impactos econômicos por conta da pandemia do novo coronavírus, a ainda maior dificuldade no acesso ao crédito, o aumento das tarefas com a casa e com os filhos e, em muitos casos, o crescimento da violência doméstica ergueram barreiras ainda mais desafiadoras para elas. Uma pesquisa realizada pela RME e o Instituto Locomotiva com 1.165 empreendedoras durante a pandemia apontou que a crise significou a interrupção das atividades para 39% dos negócios

comandados por mulheres. Outras 47% seguem em funcionamento, mas já sofreram os impactos negativos dos últimos meses. O problema fica mais grave já que para 21% delas toda a renda familiar vem do negócio.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Com investimento do Google, programa vai apoiar 50 mil empreendedoras na recuperação de seus negócios após pandemia

R\$ 7,5 milhões serão investidos em programa de capacitação promovido pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora, que irá ajudar mulheres de 10 regiões periféricas do país a reerguerem seus negócios após a crise da Covid-19

[\(O Globo | 29/06/2020\)](#)

O Google vai destinar R\$ 7,5 milhões nos próximos dois anos para ajudar mulheres e seus negócios a se recuperarem dos [impactos econômicos causados da pandemia](#) do novo coronavírus. O investimento será destinado ao programa [Potência Feminina](#), idealizado pelo Instituto Rede Mulher Empreendedora, com apoio do Google.org, braço filantrópico da gigante da tecnologia. A iniciativa irá apoiar pequenos [empreendimentos liderados por mulheres](#) por meio de capacitação, aceleração de negócios e capital semente. O objetivo é auxiliar diretamente mais de 50 mil mulheres nos próximos dois anos.

[Acesse a matéria completa no site de origem.](#)

Romantizar empreendedorismo materno é cilada! Veja startups que ajudam mães

Filhos costumam parir grandes empreendedoras. Essa é uma das frases que circulam pelos grupos de empreendedorismo materno e instiga a vontade de apostar todas as fichas em um negócio próprio. De fato, existem centenas de mulheres que, com a chegada dos filhos, não encontraram mais sentido em manter suas rotinas de trabalho e se descobrem empreendedoras bem-sucedidas. Mas o caminho entre o primeiro passo e o sucesso pessoal e profissional ao empreender tem muito mais percalços do que se imagina.

[\(Universa, 31/10/2019 - acesse no site de origem\)](#)

A começar pelo fato que, para boa parte das mães, o empreendedorismo não é uma escolha, e sim uma necessidade. Reflexo do mercado de trabalho hostil em relação à maternidade. São poucas as mulheres que anunciam felizes da vida para suas lideranças que estão grávidas. E na volta da licença-maternidade, a insegurança e o medo de perder o emprego fazem parte do pacote de boas-vindas. Com razão: pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostrou que 50% das mulheres são demitidas até dois anos após a licença-maternidade.

“E quando não são demitidas, muitas não conseguem se encaixar na rotina inflexível demais para quem tem filho pequeno esperando em casa”, aponta a diretora de expansão Marcela Aquiroga, da Rede Mulher Empreendedora (RME), maior rede de apoio ao empreendedorismo feminino do Brasil, com 500 mil mulheres cadastradas. A falta de flexibilidade dentro das empresas, aliás, está no topo das motivações para abrir um negócio próprio.

Diante desse difícil cenário, o empreendedorismo parece cair como uma luva para quem deseja continuar ao lado dos filhos e ativar profissionalmente.

Estudo feito pela RME mostrou que 75% das mulheres abrem uma empresa após a maternidade. O grande xis da questão é que nem sempre o sedutor discurso que mostra a possibilidade de conciliar maternidade e trabalho dá certo na prática. Isso porque a mulher brasileira ainda é responsabilizada pelo cuidado da casa e dos filhos, o que faz com que ela já comece seu empreendimento com uma conta que não fecha.

A administradora Rosa Freitas, 36, mãe de David Luis, 3, que o diga. Após a licença-maternidade, resolveu pedir demissão para ficar com o filho. Nesse meio tempo, abriu uma empresa de bolos. “Achei que daria para conciliar tudo, mas foi um tiro no pé. Porque mesmo tirando algum dinheiro com os bolos, eu não conseguia ter tempo de qualidade com meu filho, que ainda era muito pequeno. Não me dedicava nem a uma coisa nem a outra. Não aguentei. Agora estou fazendo cursos em outra área para tentar me recolocar no mercado.”

Ana Laura Castro, co-fundadora da rede Maternativa, que apoia mais de 24 mil mães no Facebook, é enfática ao afirmar que a mulher já começa a empreender com muita dificuldade porque seu olhar é voltado ao ambiente caseiro e familiar.

“Ela trabalha loucamente, com o filho a tiracolo, sem planejamento, geralmente com estrutura precária e, ainda assim, corre o risco de não ganhar dinheiro por falta de recursos e planejamento.” Outra pesquisa feita pela RME comprova: das 2 mil mulheres ouvidas, 86% disseram não ter planejamento antes de abrir o próprio negócio. “E esse é o ponto mais importante para qualquer empreendedor. Se as contas não fecham na planilha, certamente o negócio não vai funcionar na vida real”, diz a consultora educacional em projetos de treinamento para empresas, Sabrina Wenckstern.

Por outro lado, ao ter foco, planejamento e utilizar ferramentas e estratégias certas, é possível nadar contra a corrente e colher os frutos do empreendedorismo materno, como aconteceu com a jornalista Gabriela Miranda, 38, mãe do Benjamin, 8, e da Stella, 4. Com a chegada da caçula veio o desejo de parar de trabalhar fora. Ela então começou a poupar dinheiro para o futuro negócio e, ainda empregada, pesquisou uma área de

atuação e se matriculou num curso de especialização, juntamente com o marido, que havia sido demitido. Antes mesmo de o curso começar, ela também foi demitida.

“Unimos as forças e o dinheiro da nossa rescisão para montar e estruturar a nossa agência de comunicação digital, separando uma grana para nos mantermos até que o negócio engrenasse. Já com tudo formado, fiz outro curso de capacitação para ter a real dimensão do que é empreender. Isso nos ajudou a dar passos mais direcionados, ter consciência e recursos emocionais para a tomada de decisões. A agência funciona há dois anos, e posso garantir que os primeiros meses foram de muito trabalho e pouco glamour. Mas está dando retorno. Tenho muito orgulho ao dizer que ninguém da família trabalha fora e a renda familiar é tirada hoje com os ganhos da agência. Ainda assim, vale dizer que, mesmo com cursos e conhecimento, a gente aprende mesmo na prática, com erros e acertos.”

Empresas oferecem ajuda e capacitação para as mães empreendedoras

Para preencher a lacuna da falta de capacitação para as mães que desejam empreender, startups voltadas especificamente ao empreendedorismo materno ajudam as mulheres a terem uma nova visão de negócios. Conheça algumas delas:

- **Escola de Negócios da Mãe Empreendedora**

O que é: Uma edtech do GRUPO M.Ã.E, que existe há 3 anos. A escola ajuda mães empreendedoras a entenderem conceitos de gestão e aplicarem técnicas e estratégias em seus negócios, sem precisar de conhecimentos prévios para isso. A metodologia GO!MAE simplifica conteúdos e conceitos, mostrando casos reais de mães empreendedoras, além de ter o foco nos pilares produtividade e equilíbrio, essenciais para quem deseja conciliar carreira e maternidade.

Objetivo: Ajudar mulheres a obterem lucro por meio de um negócio próprio saudável.

Impacto: No último ano, 3 mil mães empreendedoras foram

capacitadas pelo GRUPO M.Ã.E, sendo que a estimativa é atender mais de 10 mil mães empreendedoras no próximo ano.

Investimento: Para ter acesso a mais de 100 aulas online, ao vivo, que vão desde como ter uma ideia de negócio até abordagens de vendas escaláveis, a mãe paga uma assinatura de R\$ 49,90 ao mês.

▪ **Social Mom**

O que é: Uma rede para desenvolvimento de mães empreendedoras, que une dois formatos: workshops (Social Mom School) e eventos (Social Mom Day). Tanto em um quanto no outro, as participantes compartilham conhecimentos e experiências sobre o empreendedorismo materno.

Objetivo: Capacitar, encorajar e conectar negócios entre mães empreendedoras, criando um ecossistema próspero, sustentável e acolhedor para os filhos.

Impacto: O Social Mom Day impactou cerca de 5 milhões de mães (redes sociais e blogs parceiros), reunindo ao todo, mais de 600 mães empreendedoras que já assistiram as palestras, trocaram experiências e fizeram networking - um dos objetivos principais do projeto.

Investimento: A maioria das ações são gratuitas, sendo que os eventos custam até R\$ 50.

▪ **Marketing de Mãe pra Mãe**

O que é: Originado de um grupo no Facebook, a MMPM nasceu como uma agência de marketing para mães empreendedoras, mas não demorou para tornar-se uma aceleradora, promovendo conexões e capacitação. Anualmente as mães da rede se encontram num evento de capacitação chamado Motherworking.

Objetivo: Fornecer mentoria, apoio e estratégias de marketing e vendas para que a mãe empreendedora consiga alavancar seu empreendimento.

Impacto: Ao longo de dez anos de trabalho, mais 20 mil pessoas consomem conteúdos disponibilizados nas redes sociais, sendo que cerca de mil mães tiveram seus negócios acelerados.

Investimento: Além do conteúdo disponibilizado gratuitamente nas plataformas, há pacotes que comportam 10 horas de mentoria em grupo, por R\$ 697.

- **Maternativa**

O que é: Tal qual uma locomotiva, a maternidade se transforma e se move, daí o nome dessa startup de impacto social, que une as palavras “maternidade” e “locomotiva”. O grupo do Facebook se propõe a fomentar o empreendedorismo materno, discutir e transformar a relação entre as mães e o trabalho. Também funciona como um espaço aberto para troca de conteúdos, informações e reflexões sobre negócios e mercado. Há ainda os encontros presenciais uma vez ao mês, e feiras para a venda dos produtos das mães empreendedoras, que acontecem ao longo do ano.

Objetivo: Repensar a relação das mães com o mercado de trabalho.

Impacto: Além das trocas de experiências diárias promovidas por um grupo no Facebook bastante ativo e que conta com mais de 24 mil mães, a rede já promoveu mais de 50 encontros, impactando presencialmente cerca de 2.500 mães. **Investimento:** Não há custo para participar do grupo no Facebook, assim como para assistir as palestras que são realizadas nos encontros maternos uma vez ao mês.

6 armadilhas do empreendedorismo materno

Diversas ciladas criadas em torno de um negócio impedem que as mães empreendedoras tenham uma visão mais clara do que é necessário para que seu produto ou serviço se sustente no mercado. Aqui, a consultora educacional em projetos de treinamento para empresas, Sabrina Wenckstern, listar as mais comuns:

1. Falta de tempo

Ao contrário da crença que diz que ao sair do mercado de trabalho para empreender você terá mais tempo para os filhos, a realidade é que até que seu negócio decole, será necessário trabalhar mais do que as 40 semanais que você estava acostumada. E muitas vezes, boa parte dessas horas será dividindo a atenção entre o computador e o filho, o que leva a um outro

problema que é a qualidade do tempo. Não adianta suar a camisa durante 12 horas diárias, mas não realizar o que precisava ser feito. A solução está numa rede de apoio que te ajude com a criança enquanto você trabalha.

2. Falta de conhecimento

Mesmo que você seja uma designer oferecendo serviços de designer, será preciso adquirir capacitações que você ainda não têm, como entender de marketing para anunciar de forma mais certa seus serviços; ter controle financeiro e administrar planilhas; e entender de contratos. Ou seja: além de todas as tarefas que você já faria naturalmente, será preciso dedicar tempo a essa atividade extra. Além disso, ao empreender por necessidade e não por oportunidade, muitas vezes, as mulheres buscam áreas desconhecidas, tendo que aprender tudo do zero sobre o novo ramo. Tanto no primeiro caso quanto no segundo, existe o risco de atrasar o crescimento do negócio.

3. Falta de capital inicial

Muitas empreendedoras se jogam se cabeça numa ideia sem ter um valor que sustente o negócio durante o tempo de maturação, que é aquele período em que ele se estrutura, fica conhecido, até chegar à fase do lucro. Alguns negócios alcançam lucro em 6 meses, outros levam 6 anos. E se você não tiver programado um respiro financeiro para se manter nesse meio tempo, o negócio pode morrer na metade do caminho.

4. Interesse temporário

É muito comum encontrar mulheres que ao se tornarem mães se apaixonaram pelo universo infantil e criaram produtos voltados à primeira infância. Porém, conforme os filhos cresceram, elas próprias perdem o interesse naquele tipo de produto e em manterem-se no ramo.

5. Falta de apoio e reconhecimento familiar

Muitas vezes os familiares próximos esperam um retorno financeiro rápido. E aí, sem ter os lucros para apresentar, a tendência é que a mulher se sinta cobrada, especialmente do parceiro, que “segura” as contas da casa. Resultado? Com a pressão, ela pode ouvir que fica em casa o dia todo e não dá conta nem de empreender nem de manter a casa arrumada, ficando desestimulada.

6. Carga mental

Todos os fatores citados acima levam à famosa carga mental, que é resultado da sobrecarga de todas as demandas do negócio, além do estado emocional, que pode ficar mais abalado. E isso vai se refletir na sua produtividade e criatividade, formando um ciclo nada saudável.

Maternidade: impulso e não empecilho

Assim como existem startups voltadas à capacitação das mães para que tenham êxito em seus empreendimentos, há iniciativas que visam trabalhar a mudança de cultura e comportamento das empresas em relação as mães, a fim de que a maternidade seja vista como um impulso e não empecilho para o crescimento profissional.

“Nossa luta é para que as mães possam de fato escolher o que é melhor para elas. Abandonar a carreira, empreender ou voltar ao trabalho após ter filhos tem que ser uma escolha consciente e não uma falta de opção”, defendem Luciana Cattony e Susana Zaman, criadoras do projeto Maternidade nas Empresas, e professoras do MBA de Diversidade Desenvolvimento de Práticas Inclusivas nas Organizações, da Universidade La Salle, em Canoas (RS).

As especialistas reforçam ainda que após se tornar mãe, a mulher desenvolve habilidades ou softskills que podem ser usados no ambiente corporativo, como gestão de recursos, comunicação, liderança, capacidade de improvisar e de assumir riscos. E completam: “Acreditamos que o papel das empresas mudou. O futuro será feito por organizações que entendem a equidade de gênero como poderoso instrumento para alavancar ambientes, negócios e culturas. Mais do que nunca, não faz sentido a mulher ter que escolher entre carreira ou filhos.”

Quer se manter no mundo corporativo?

- **Maternidade nas Empresas**

Consultoria para equidade de gênero com foco na maternidade, tem como missão ajudar as empresas com estratégias de negócios que contribuem para atrair e reter talentos femininos e valorizar a

mulher/mãe no mercado de trabalho. Suas palestras e workshops já impactaram mais de 7 mil pessoas.

- **M.A.M - Mães Atuentes no Mercado**

Idealizada por profissionais de RH, inovação e comunicação, a consultoria incentiva a recolocação profissional das mães, oferecendo a elas a divulgação de vagas com flexibilidade ou benefícios, além de dar dicas de carreira. A plataforma é também um banco de currículos, fazendo a conexão entre as mães e as corporações. E para as mães que desejarem uma consultoria para se saírem melhor na recolocação, há a possibilidade de pagar pela coaching de carreira. Já para as empresas, oferece consultoria para implementação de projetos de acolhimento e desenvolvimento de mães.

- **Contrate uma mãe**

É um banco de currículo que faz a ponte entre mães que querem retornar ao mercado de trabalho e empresas que desejam contratar mães. Idealizado por profissionais de RH, inovação e comunicação, tem como missão incentivar mães a perceberem o seu real valor e a se recolocarem no mercado de trabalho com mais orientação e melhores condições de empregabilidade.

- **Filhos no currículo**

A empresa oferece programas corporativos pensados para todas as fases da jornada de mães e pais, desde a gestação até o retorno ao trabalho pós-licença. Auxilia outras empresas a revisitarem suas estratégias através de projetos de consultoria e ações de conscientização, incluindo os filhos de seus funcionários no centro de suas estratégias e fóruns de discussão. Lançou também o movimento #meufilhonocurriculo, incentivando mães e pais a contarem no currículo e perfil do LinkedIn que têm filhos. Também lançaram a camiseta personalizada do projeto, com o nome do filho estampado, para influenciar esse movimento.

Por Aline Dini

Inscrições abertas para o “Seminário Mulheres Negras Empreendedoras” - Brasília/DF, 25/07/2019

Estão abertas, a partir desta quarta-feira (10), as inscrições para o “Seminário Mulheres Negras Empreendedoras”. Uma iniciativa do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), por meio da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SNPIR) e Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres (SNPM), o evento será realizado em Brasília, no Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha - celebrado em 25 de julho.

[\(MMFDH, 10/07/2019 - acesse no site origem\)](#)

Para participar, basta preencher formulário com nome completo, documento de identificação e e-mail. As palestras vão abordar temas como o empreendedorismo entre mulheres negras, passando por experiências de vida, dicas para empreendedoras e falas a respeito de linhas de crédito.

[Acesse o formulário de inscrição](#)

Seminário

Estarão presentes as titulares da SNPIR, Sandra Terena, e da SNPM, Cristiane Britto. O evento também terá a presença da palestrante Talitha Oliveira, que é produtora da TV Justiça, professora de moda do SENAC e consultora de imagem. Representantes do SEBRAE e da Caixa Econômica Federal completam a lista de participantes.

A secretária da SNPIR ressalta a importância da ação. “Estamos vivendo um

momento no Brasil em que a valorização da mulher se faz imprescindível. Faz-se necessário reconhecer a força e a capacidade que nós, mulheres, temos”, afirmou Sandra Terena.

“A população negra enfrenta muitos desafios em nossa sociedade e a mulher negra ainda mais. Valorizando e promovendo o empreendedorismo dessas mulheres, queremos reforçar o compromisso do MMFDH e da SNPIR com a igualdade étnico-racial”, concluiu a secretária.

Serviço:

Seminário Mulheres Negras Empreendedoras

Data: 25 de julho (quinta-feira)

Horário: 14h às 18h

Local: auditório do subsolo, bloco “A”, Esplanada dos Ministérios - Brasília/DF

Empresas financeiras britânicas planejam promover mais mulheres

Companhias assinam pacto para preencher ao menos 30% dos cargos com executivas

[\(O Globo, 11/10/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Várias empresas financeiras britânicas de grande porte prometeram preencher quase um terço dos cargos de alto escalão com mulheres dentro de cinco anos como parte de uma iniciativa apoiada pelo governo que visa a

aumentar o número de mulheres em um setor tradicionalmente dominado por homens.

Das 72 empresas que assinaram a Women in Finance Charter em julho, 60 se comprometeram na terça-feira em ter 30% dos cargos de alto escalão ocupados por mulheres até 2021, segundo um comunicado do Tesouro do Reino Unido. Treze organizações, entre elas a Legal & General Group e a Virgin Money Holdings UK, buscam dividir o alto escalão em metades iguais entre homens e mulheres.

A presidente da Virgin Money, Jayne-Anne Gadhia, encabeçou uma análise financiada pelo governo que revelou que as mulheres representam apenas 14% dos comitês executivos das empresas de serviços financeiros. A análise, publicada neste ano, recomendou a criação da carta voluntária, que pede às companhias que publiquem relatórios anuais sobre o progresso de suas iniciativas para promover as mulheres nas finanças.

“Um número muito pequeno de mulheres chega ao topo, e muitas não progredem tão rapidamente quanto deveriam”, disse a primeira-ministra Theresa May no comunicado enviado por e-mail. “O Reino Unido é líder mundial em serviços financeiros, mas o setor poderia se sair ainda melhor se aproveitasse ao máximo as diversas mulheres talentosas que trabalham nas finanças.”

De todos os setores, os serviços financeiros têm a maior diferença salarial entre gêneros. As mulheres que trabalham em finanças ganham cerca de 60 centavos por cada libra recebida pelos homens, segundo o Tesouro. Todos os maiores bancos com sede no Reino Unido e muitas importantes empresas de administração de ativos assinaram a carta.

Como parte da carta, criada pelo Tesouro, as empresas também concordaram em designar um executivo individual como responsável pelos compromissos de cada companhia. O Ministério das Finanças afirmou que 20 empresas nomearam seus presidentes como a pessoa responsável pelo cumprimento das metas. A carta também compromete as empresas de serviços financeiros a atrelar os pacotes de remuneração de suas equipes executivas às metas de diversidade de gênero.